#### Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

## António Ribeiro Leite da Silva, Joaquim Ferreira Alves

### Pelo serviço e pela misericórdia se erigiu a Santa Casa

#### O serviço e a misericórdia na Santa Casa

A história da Santa Casa da Misericórdia também se fez com o zelo e denodo de muitos daqueles que aqui trabalharam (e trabalham), colaboradores inúmeras vezes anónimos e desempenhando funções humildes, mas todavia preciosas à expressão material dos valores de Misericórdia. Através deles o desejo, os donativos e legados endossados por Irmãos e Beneméritos, puderam emergir na maravilhosa obra social que esta vila--cidade viu brotar. Assim, este texto, além de homenagear as personalidades invocadas, os três primeiros e distintos médicos prestadores de serviços no antigo hospital, concita também um tributo a todos os que durante estes nove decénios trabalharam com afinco na corporização da misericórdia



### António Ribeiro Leite da Silva: audácia na defesa de causas

Recordar estes três primeiros clínicos é rememorar o labor daqueles que tornaram a novel Misericórdia emérita na acção, capaz de orgulhar a comunidade sanjoanense e de justificar ante os beneméritos a justeza e bom destino dos donativos e legados entregues. Começamos por António Ribeiro Leite da Silva, médico municipal de freguesia e republicano assumido que protagoniza, a 14 de Fevereiro de 1919, juntamente com outras 25 personalidades (das quais muitas vieram a ligar-se à Santa Casa, como Durbalino Laranieira, Manoel Vieira Araújo, Quintino José da Silva, Pedro Martins Palmares, Inocêncio Pereira Leal, entre outros), um episódio extraordinário mas rotineiro à época da I República, guando à boa maneira revolucionária, invade a sede da Junta de Freguesia, destituindo os membros da Comissão Administrativa por não darem garantias e confiança à causa republicana. A assembleia (espontânea) de imediato elegeu, e este aceitou, o Dr. Ribeiro Leite para presidente da Junta de Freguesia, responsabilidade titulada por pouco tempo pois a 7 de Março seguinte o Governo Civil de Aveiro repõe a legalidade e termina os dias da Junta Revolucionária. O gesto do Dr. Ribeiro Leite espelha bem o seu carácter de homem empenhado na causa pública, defendendo corajosamente os seus ideais, postura que o leva a aderir desde a primeira hora à aspiração maior dos sanjoanenses, o Hospital.

Logo em de Outubro de 1914, um ano após o passamento do Benemérito Instituidor, participa e dá o aval à decisão sobre o local de implantação do Hospital, presidindo, em Setembro de 1916, ao lançamento festivo da 1ª pedra (a soleira da porta principal) da empreitada. Foi um verdadeiro acontecimento, com tribuna e personalidades ilustres, entre elas, o Presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, Dr. Aníbal Beleza, o Administrador do Concelho, Benjamim José de Araújo, o Juiz de Paz e o Regedor. O momento foi saudado com uma salva de 42 tiros, o pároco benzeu a obra e ouviu-se o hino nacional.



Joaquim Ferreira Alves Milheiro: um espírito soberano

A 28 de Maio de 1922, na primeira Assembleia Geral de Irmãos convocada para a eleição dos corpos directivos, o Dr. Joaquim Ferreira Alves Milheiro é eleito mordomo com a totalidade dos votos válidos expressos, cumprindo os 3 anos de mandato. Era então o Dr. Joaquim Milheiro um jovem médico de 27 anos, nascido em Mozelos, concelho da Vila da Feira, que tinha vindo residir para S. João da Madeira ao desposar Lídia Araújo Milheiro, filha do futuro primeiro presidente da autarquia sanjoanense, Benjamim José de Araújo, e irmã do terceiro presidente desta, Dr. Renato Araújo. Era um homem de porte imponente, alto, com um sorriso largo e contagiante e com grande capacidade para fazer amigos. Além da preponderante ligação à Misericórdia foi, ainda, e durante largos anos, Delegado de Saúde e dirigente da Creche Albino Fontes Garcia.

### Os médicos e a misericórdia: uma relação benemérita

Em 1 de Janeiro de 1923 é inaugurado o

Hospital, arrancando o funcionamento de imediato. O quadro de pessoal compunha-se de dois médicos, o Dr. Ribeiro Leite e o Dr. Joaquim Milheiro, clínicos que prestariam serviços gratuitamente enquanto a Santa Casa os não pudesse retribuir. O gracioso desempenho foi tão amplamente meritório que mereceu, desde cedo, a atenção dos Irmãos, levando o Comendador António Dias Garcia (o futuro Conde) a propor em assembleia-geral de 15 de Julho de 1923 (...) um voto de louvor aos clínicos Srs. Drs. Leite da Silva e Joaquim Milheiro pelo desinteresse com que têm tratado os internados no hospital, tendo sido aprovado por unanimidade (...)". Posteriormente, a assembleia-geral de 9 de Julho de 1924, deliberou elevar estes mesmos médicos à condição de Irmãos Beneméritos, pelos relevantes serviços prestados ao Hospital. A probidade destes e a justeza da declaração benemérita, é atestada na reacção que tiveram àqueles que, como muitas vezes sucede, escarneceram e maldisseram da gratuidade do seu empenho no Hospital: por requerimento do Dr. Ribeiro Leite, a Misericórdia declara em Maio de 1926, " (...) que nenhuma quantia foi paga a título de remuneração por serviços clínicos prestados aos pobres internados e que o seu comportamento de assistente médico-cirúrgico, bem assim como o seu porte civil e profissional perante os regulamentos, não só são irrepreensíveis mas dignos de louvor como realmente louvados têm sido (...)". Em datas seguintes o mesmo médico doa à instituição, as importâncias auferidas por serviços prestados a pensionistas. Outro testemunho da benemerência vem transposto em "O Regional" de 14 de Julho de 1946, referindo-se ao Dr. Joaquim Milheiro, quando reporta: " (...) bom por índole, popular por inclinação; Ihano, franco, amigo do seu amigo, em suma um coração de oiro. Médico do nosso Hospital desde a inauguração, durante anos prestou gratuitamente os seus serviços. Todos recordam o movimento de solidariedade humana em prol das crianças pobres que ele iniciou e amparou e que deu como resultado levar para a praia anos seguidos muitas delas de saúde precária. Belo movimento que S. João da Madeira auxiliou pecuniariamente aplaudindo o Dr. Milheiro pela sua iniciativa."

### A homenagem como acto de justiça e de memória

O serviço destes distintos clínicos prossegue até que, no início de 1929, o Dr. Ribeiro Leite se demite por divergências profissionais, vontade inalterável apesar do esforço da Mesa Administrativa, que nomeou uma comissão com o encargo de o tentar demover. Saía o médico que acompanhara a construção do hospital e o primeiro que aí tinha exercido o seu múnus. Já em 1940, postumamente, o Dr. Joaquim Milheiro, apoiado por Leite Garcia e outros cinco mesários, promove uma homenagem ao Dr. Ribeiro Leite, pelos continuados e gratuitos serviços prestados aos doentes pobres acolhidos no hospital. Executaram um retrato a óleo, custeado por um grupo de amigos, descerrado por uma neta do homenageado em sessão solene realizada em 11 de Fevereiro de 1940, após uma celebração eucarística de sufrágio por sua alma. A cerimónia decorreu na presença de familiares e amigos, em tom grandemente comovente, tendo o Dr. Joaquim Milheiro e o padre António Maria de Almeida e Pinho enaltecido as raras qualidades do Dr. Ribeiro Leite.



Dr. Nicolau Soares da Costa

### Nicolau Soares da Costa, o decisivo impulsionador dos Serviços

O Dr. Nicolau da Costa nasce em fins do século XIX, natural de S. João da Madeira, membro de uma conceituada família que deixou largas sementes nesta terra. Concluiu o curso de medicina pouco antes do início da 1ª Grande Guerra sendo de imediato, ao abrigo da aliança com a Inglaterra, requisitado para servir em hospital do exército inglês. Com a entrada de Portugal na guerra, o Dr. Nicolau da Costa segue para França, acompanhando o corpo expedicionário português na frente de batalha. No final da guerra viaja para o Brasil, onde aprofunda conhecimentos na Universidade do Rio de Janeiro, obtendo o direito de aí exercer profissionalmente medicina. Muda-se para Belém do Pará, cidade com uma comunidade cerca de 40 mil portugueses e onde tinha família, reputados comerciantes e industriais, exercendo na Beneficente Portuguesa como médico de banco, rapidamente alcandorando-se a prestigiado cirurgião. Ainda antes de completar 40 anos, e já senhor de importantes meios económicos, regressa a Portugal, escolhendo para viver, para educar os filhos e continuar a exercer a sua profissão, a terra que lhe deu berço. Abriu consultório e, em 10 de Janeiro de 1928, começou a prestar serviço como médico cirurgião no Hospital, contratação da Misericórdia que pretendeu reduzir a dependência de cirurgiões externos para qualquer operação de grande cirurgia. A admissão deste experimentado e conhecedor clínico aportou ao hospital uma lufada de ar fresco, traduzida no aumento da capacidade e da qualidade da prestação de serviços. Ainda em 1928 é adquirida uma mesa operatória para grande cirurgia e, em Setembro, o serviço é inaugurado com a operação bem sucedida de uma hérnia inguinal estrangulada a um doente de 88 anos, protagonizada pelo Dr. Nicolau da Costa,

## Milheiro, Nicolau Soares da Costa

auxiliado pelo Dr. Joaquim Milheiro. As operações de grande cirurgia do Dr. Nicolau da Costa tornam-se actos correntes na actividade hospitalar e, mera meia dúzia de anos após a abertura, o hospital torna-se de crucial importância para a terra.

### A recorrente dissensão sobre a gratuidade do exercício clínico

Em 1931 o Dr. Nicolau da Costa propõe, e a Misericórdia aceita, a criação de um Centro Cirúrgico para tratar gratuitamente todos os indigentes hospitalizados, revertendo para a Misericórdia parte dos honorários cobrados pelos clínicos em intervenções aos doentes pensionistas. Em 1933, e apesar do desacordo expresso do Provedor Oliveira Júnior, a Mesa Administrativa proíbe os médicos de darem consultas particulares no hospital, deliberação que leva o Dr. Nicolau a renunciar ao corpo clínico. Este afastamento, e as consequências que dele adviriam, justifica a revisão da decisão tomada. O Provedor foi incumbido de convencer o Dr. Nicolau da Costa a rever a posição, obviando ao duplo prejuízo que representava a privação de um médico cirurgião e o termo das receitas das cirurgias daquele clínico aos doentes pensionistas.

Este episódio não encerra o enquadramento do trabalho dos clínicos no hospital. Em 1945, a Mesa Administrativa presidida por António Henriques, que já entrara em polémica com a família Garcia, delibera o trabalho gratuito de todos os médicos do hospital. Esta decisão não foi bem aceite, a polémica veio para os jornais, e os Dr. Joaquim Milheiro e Dr. Nicolau da Costa saem do hospital. O Provedor António Henriques acusa o Dr. Joaquim Milheiro de ter indevidamente recebido nesse ano a quantia de 48.666\$70 e escreve ao Sub-Secretário de Estado da Assistência queixando-se do referido clínico, diligência estéril pois a resposta do Governo deu razão ao Dr. Joaquim Milheiro. A polémica descambou em confronto físico, em plena rua, e o caso foi parar aos tribunais. Não obstante, terá sido resolvido com honra e dignidade para ambas as partes. Em Outubro de 1953, já no mandato da Comissão Administrativa presidida por Benjamim Valente da Silva (cuja indigitação apoia), a Mesa Administrativa delibera por unanimidade escrever ao Dr. Joaquim Milheiro agradecendo-lhe os serviços prestados e convidando--o a reingressar no seu corpo clínico, convite que este acolhe favoravelmente em Dezembro seguinte, vindo posteriormente a substituir o Dr. Nicolau da Costa na direcção clínica do hospital.

#### Extingue-se o riso claro que é fonte da alma e predicado de um coração largo

A 30 de Julho de 1954, de forma inesperada e aos 59 anos de idade,

o Dr. Joaquim Milheiro falece. A edição de "A Grei Sanjoanense" do dia sequinte redige: " (...) O currículo da sua vida pode sintetizar-se nestas palavras breves: uma grande afabilidade e uma vontade sempre pronta a bem servir. Com a eterna ausência do Sr. Dr. Joaquim Milheiro, todos os sanjoanenses sofrem uma perda irreparável. Mas a sua memória ficará bem grata na história de S. João da Madeira, pelos relevantes serviços que prestou através de todos os cargos públicos que, durante a sua vida, sabiamente ocupou (...) ". O mesmo quinzenário afirma em 14 de Agosto de 1954, pela pena de João da Silva Correia: " (...) Joaquim Milheiro adquire diante de nós a soberania admirável do seu espírito - pela Ihaneza do trato, pela inteireza do carácter, pela afabilidade da figura, sobretudo, pelo riso claro e são que, no homem de serena consciência e alma limpa, parecia conglobar todos os mais predicados. Acreditando, como acreditamos, que o riso é a fonte da alma, não podemos já agora rememorar o riso de Joaquim Milheiro sem associarmos a essa ideia um conceito puramente intuitivo de consciência límpida e largo coração. Com o Doutor Joaquim Milheiro desaparece do dia-a-dia da vida sanjoanense uma das figuras mais gentis e mais dignas que lhe davam relevo (...) pela grande virtude de saber ser o que devia ser e como devia ser, portas adentro de si mesmo, da sua sinceridade de homem, e da sua simplicidade de pessoa. (...)". Em reunião extraordinária de 6 de Agosto de 1954, a Mesa Administrativa é expressamente convocada, enaltecendo o Provedor as qualidades do Dr. Joaquim Milheiro, os seus dotes de inteligência e o espírito de colaboração em equipa.

## Nicolau da Costa: actividade incessante e responsabilidade permanente

O Dr. Nicolau da Costa está ligado à concepção e aprovação do regulamento clínico do Hospital, em Março de 1953. À direcção clínica do mesmo até àquela data, cargo que reassume em 11 de Fevereiro de 1952 para resolução atempada e com conhecimento de causa, dos problemas quotidianos da actividade clínica, cirúrgica e de enfermagem, em época de emergência advinda da exoneração da Mesa Administrativa liderada por António Henriques, substituída por uma Comissão Administrativa presidida por Benjamim Valente da Silva, onde assume ainda a função de Vogal. Na Assembleia-geral de 2 de Novembro de 1953 é eleito para a Mesa Administrativa mandatada para o triénio 1954/56, cumprindo o primeiro dos cinco mandatos que consecutivamente o elegem para o órgão de gestão da Misericórdia, exercendo sob a provedoria de Benjamim Valente da Silva, Manuel Luís Leite Júnior e

Manuel Pais Vieira Júnior, período em que se determinou, erigiu e inaugurou o novo hospital sanjoanense, matéria onde cumpriu um importantíssimo papel. Vem, ainda, a ter uma incontornável importância na gestão do diferendo com os médicos em 1966, profissionais que pretendiam remunerar-se acima do percentual legalmente estabelecido, questão por estes extremada, que levou à renovação do quadro de pessoal clínico.

### Falece o derradeiro protagonista dos primórdios do hospital

O Dr. Nicolau da Costa veio a falecer no encerrar de 1968. Em "O Regional" de 7 de Dezembro de 1968, uma pequena notícia informa que "(...) com 78 anos de idade, faleceu, nesta vila, o Sr. Dr. Nicolau Soares da Costa. O funeral, realizado para o cemitério desta vila, registou grande acompanhamento, dada a posição social do extinto." Manuel Pais Vieira Júnior, na sua história da Misericórdia, depois de o considerar Irmão Benemérito, escreve " (...) o Dr. Nicolau da Costa, médico do Hospital desde 1928, grande impulsionador dos Serviços, nomeadamente da Cirurgia incipiente que até então se praticava, mantendo-se activo durante 40 anos; membro da Comissão Administrativa e da Mesa desde 19/11/51, viveu os momentos baixos e altos da Instituição, contribuindo com a sua experiência e o seu conselho para o prestígio actual do hospital e da Santa Casa. Em 5 de Fevereiro de 1969 por sugestão de alguns médicos ao serviço da Misericórdia foi criada a Biblioteca Médica "Dr. Nicolau da Costa", (beneficiando de) uma valiosa oferta da família do Dr. Nicolau de mais de 500 volumes, que representam uma colectânea reunida ao longo de algumas dezenas de anos por este saudoso clínico."

### O serviço, a misericórdia e a caridade também elevaram a Santa Casa!

Estes três distintos discípulos de Hipócrates foram cruciais na implantação do hospital, deram-lhe vida e contribuíram decisivamente para o bem-estar e saúde dos sanjoanenses. A Misericórdia não os esquece assim como não duvida do imenso e aturado labor que a longo destes 90 anos tem sido desenvolvido por todos os outros colaboradores anónimos, que sabemos emprestam o melhor das suas qualidades quotidianamente. A benemerência destes médicos adveio--lhes da alma, da forma humana e íntegra como encararam o exercício profissional, valores espelhados no atendimento gratuito dos doentes pobres, atitude que documenta a epígrafe: o serviço abnegado e imbuído de misericórdia e caridade, também elevaram a Santa Casa!

Esta sexta-feira, às 18h30, em 88.1FM

# PRESTAR CONTAS

### com Castro Almeida

O «Prestar Contas» regressa esta sexta-feira à antena da Rádio Regional Sanjoanense, com o presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira. O orçamento e plano de actividades da autarquia para 2012 são o assunto incontornável desta conversa em que Castro Almeida fala também da sua visão sobre a Área Metropolitana do Porto.

O espaço onde, quinzenalmente, Castro Almeida, fala sobre estas questões que dizem respeito à vida municipal, vai ter nova emissão esta sexta-feira, dia 9, pelas 18h30, na Rádio Regional Sanjoanense (RRS), em 88.1FM.

Conheça algumas das frases chave do próximo «Prestar Contas».

«Em 2012 não vamos contrair nenhum empréstimo e vamos pagar dívida bancária de 1,8 milhões de euros. Continuaremos o percurso de desendividamento da Câmara que actualmente já é metade do que era há dez anos»

«Temos vindo a diminuir a despesa corrente e a aumentar o investimento. É assim que deve ser»

«Procuro ter um diálogo respeitoso e cordial com os diferentes partidos nas reuniões de preparação do Orçamento. É vulgar incluir sugestões apresentadas pelos partidos da oposição. Ter maioria dá legitimidade, mas não garante que se tenha sempre razão»

«No modelo que defendo, o Porto vai desde a Póvoa de Varzim até Oliveira de Azeméis. S. João da Madeira tem tudo a ganhar em fazer parte desta grande cidade»

«Paris é uma cidade com mais de 30 municípios. O Porto que defendo tem 16 municípios»

«Qualquer sanjoanense vê o Porto como a sua segunda cidade. Não é Aveiro nem Lisboa. É o Porto»

